

# O melhor ano do leite

*Eduardo Marchiori*

O ano de 2007 será inesquecível para quem trabalha com pecuária leiteira. Os preços ao produtor alcançaram patamares excelentes no período, chegando a uma média de R\$ 0,80/litro em setembro de 2007, referente à produção de agosto e registrando o melhor desempenho dentre as atividades pecuárias. A balança comercial voltou a ser superavitária e fechou o ano com um saldo de US\$ 122,4 milhões, o maior recorde da história. Os anos 2004 e 2005 também tiveram saldo positivo, mas com valores expressivamente inferiores (US\$ 11,5 e 8,9 milhões, respectivamente).

O total exportado foi de US\$ 273,3 milhões, enquanto que as importações fecharam o ano com US\$ 150,8, uma baixa de 2,5% em relação a 2006. Segundo estudo do Cepea-Esalq/USP (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agronomia

“Luiz de Queiroz”/USP), o resultado do ano foi tão positivo que, somados os valores registrados de 2001 a 2004, o total ainda é inferior a 2007 (veja figura).

Não é preciso ser catedrático em ciências econômicas para entender o salto dado pelo setor lácteo em 2007: a partir do momento em que o produtor passou a receber mais pelo produto, ele passou a ter mais recursos para investir em melhorias e, conseqüentemente, movimentar o mercado. Mas o que causou a alta dos preços para o produtor, se até pouco tempo atrás esses valores eram extremamente baixos?

Essa questão envolve uma série de fatores e não aconteceu de uma hora para outra. Durante a Feileite – Feira Internacional da Cadeia Produtiva do Leite, realizada em outubro, o presidente da Comissão Nacional da Pecuária de Leite da CNA (Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária do Brasil), Rodrigo de Sant’Anna Alvim,

*O ano de 2007 registrou os melhores índices de preços do leite para o produtor dos últimos dez anos. É um sinal de que o setor lácteo tem potencial para continuar crescendo.*



apresentou um panorama do setor nos últimos anos.

“Em 2004, tivemos o grande ano da pecuária leiteira, com o primeiro superávit na balança comercial. Em 2005, especialmente nos meses de julho a dezembro, os preços caíram porque houve uma perda de compe-



Imagem usada na montagem: Tetra Pak

tividade nas exportações, gerando uma crise que perduraria até o final de 2006. Em 2007, tivemos a recuperação”, resumiu. Essa recuperação, segundo ele, se deve à retirada de subsídios para produtos lácteos no mercado europeu, em maio, permitindo a entrada do Brasil.

Além disso, as condições climáticas na Austrália e a entrada de novos países na União Européia (que passou a ter 27 membros no bloco) zeraram os estoques reguladores e também fizeram com que a demanda de leite aumentasse. “Esses países têm mais gente para abastecer e a produção estagnou”, afirma Alvim. “A Nova Zelândia, por exemplo, é um país que não tem mais por onde crescer internamente, então o crescimento se expande internacionalmente, fazendo *joint-ventures* com empresas mundiais e ocupando espaço em outros países”.

Bom para o Brasil, cujos excedentes de produção encontram uma via de escoamento. De acordo com Geraldo Barros, professor titular da Esalq/USP e coordenador científico do Cepea, o Brasil fez a “lição de casa” e conseguiu “melhorar seu boletim escolar”. A metáfora diz respeito às políticas internacionais do País em relação à situação do mercado: como os Estados Unidos vêm passando por uma crise imobiliária que afeta a economia mundial, já que o país detém 30% do PIB mundial, o Brasil precisou aprender a não depender do capital exterior para caminhar e adotar sua própria estratégia.

“A escassez de recursos para investimento motivou as privatizações, a fuga cambial produziu a liberação e a flutuação cambial, o descontrole fiscal e a pressão do FMI levaram à implantação do superávit primário. Quando não foi mais possível contar com a ‘âncora cambial’, foi estabelecido o regime de metas de inflação. Todas essas mudanças – ainda que forçadas – foram excelentes ao Brasil do ponto de vista macroeconômico e internacional”, enumera Barros.

Num primeiro momento, com o período da entressafra, o mercado externo aquecido e o crescimento da renda demandando por mais leite, o

preço do produto no mercado interno subiu cerca de 40% e desagradou o consumidor final, que teve que desembolsar mais para ter o produto nas mesas. Uma reportagem exibida no telejornal de uma emissora famosa mostrou uma consumidora descontente dizendo que “em casa, todos vamos tomar suco!”.

Entretanto, a alta de preços não passou de um período temporário que não tardou a se resolver. Para o chefe-geral da Embrapa Gado de Leite, Paulo do Carmo Martins, foi necessário um período de ajustes para que a produção pudesse retomar o fôlego. “Os preços melhores pagos ao produtor motivam a incorporação de novas tecnologias nas fazendas e isso é benéfico para o produto”, disse, durante o 6º. Congresso Internacional do Leite, realizado em Rezende (RJ) no início de dezembro.

Martins lembra que, nos anos 1980, o consumidor já chegou a pagar R\$ 2,70 por litro e, em 2006, esse valor caiu para R\$ 1,10/litro. A queda de preços, no entanto, não motivou o consumo. Uma média feita pelo economista desde a década de 80 até 2005, registra que, quanto mais atual o período calculado, maior a taxa de crescimento. Quando



Janeiro a Dezembro de 2007	Volume(Kg)			Valor (US\$)		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
Leites UHT	8.183.668	5.260.355	2.923.313	10.383.563	2.034.281	8.349.302
Leite em pó integral	36.878.985	18.425.860	18.453.125	153.462.709	57.204.838	96.257.871
Leite em pó desnatado	4.359.899	3.633.171	726.728	15.787.394	11.204.838	4.582.556
Leite em pó semi-desnatado	4.515.290	650.000	3.865.290	12.102.859	2.651.090	9.451.769
Leite evaporado	1.659.582	0	1.659.582	1.901.685	0	1.901.685
Leite condensado	27.810.628	0	27.810.628	41.361.151	0	41.361.151
Crema de leite	190.663	1.449	189.214	292.748	4.712	288.036
logurtes	1.979.623	1.073.501	906.122	2.858.339	2.273.629	584.710
Soro de leite	8.568	29.440.741	-29.432.173	14.857	52.908.570	-52.893.713
Manteigas	3.407.922	1.078.236	2.329.686	9.417.303	2.570.290	6.847.013
Queijos	7.583.739	4.058.031	3.525.708	25.724.166	19.695.082	6.029.084
<b>Subtotal 1</b>	<b>96.578.547</b>	<b>63.621.344</b>	<b>32.957.203</b>	<b>273.286.774</b>	<b>150.547.310</b>	<b>122.739.464</b>
Leite modificado	6.670.037	147.119	6.522.918	25.068.990	68.108	25.000.882
Doce de leite	298.493	400.125	-101.632	618.896	628.226	-9.330
<b>Subtotal 2</b>	<b>6.968.530</b>	<b>547.244</b>	<b>6.421.286</b>	<b>25.687.886</b>	<b>696.334</b>	<b>24.991.552</b>
<b>TOTAL</b>	<b>103.547.077</b>	<b>64.168.588</b>	<b>39.378.488</b>	<b>298.974.660</b>	<b>151.243.644</b>	<b>147.731.016</b>

Fonte: MDIC  
Elaboração: Equipe MilkPoint

o assunto é consumo, a situação se inverte: cada período registrou um crescimento menor (Figura 2).

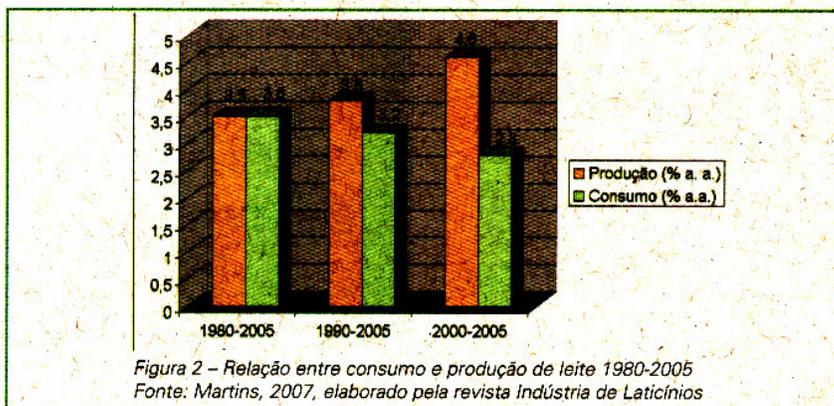
### Leite barato = produto sem qualidade

Uma das discussões que norteou o Congresso foi exatamente se era possível manter os mesmos preços ao consumidor praticados no início do ano. Os especialistas chegaram à conclusão que quem quiser leite barato também vai levar leite sem qualidade. Prova disso é o problema de fraudes detectado no último trimestre de 2007 e que causou uma grande polêmica no setor (veja matéria de capa desta edição sobre o assunto).

“Qualidade não cai do céu. É um trabalho progressivo e vai ter que ser

operado gradativamente pelo próprio produtor de leite. Para se ter uma idéia, em vários países, o limite legal de células somáticas no leite é, em média, de 400 mil/ml, enquanto que no Brasil é de um milhão/ml. Com o laudo em mãos, o próprio produtor pode, ao longo do tempo, ir baixando essa contagem e melhorando a qualidade do seu produto”, explica Newton Pohl Ribas, assessor Técnico do Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento em assuntos do Setor Leiteiro.

Ribas declarou que a questão sanitária, tanto animal como vegetal, está entre as prioridades do Governo para o agronegócio, além de políticas agrícolas como a aprovação do Crédito Rural e Seguro Agrícola, que beneficiaria os produtores e garantiria a continuidade dos seus trabalhos em caso de fenôme-



nos naturais que estão fora de controle, como secas e estiagens. Também terá uma atenção especial a questão do biodiesel, que precisa ser intensificado.

O diretor de marketing da Láctea Brasil e diretor-executivo da Agripoint, Marcelo Pereira de Carvalho, prevê, para 2008, um aumento de cotas de produção de leite na União Européia na ordem de 3%. “O mundo inteiro quer produzir leite, a oferta é estimulada”, diz. Prova disso são as empresas de fora do setor lácteo que estão entrando com força nesse ramo, como a Perdigão, que adquiriu a Batávia e a Eleva no final do ano passado e a Bertin, que comprou a Vigor.

“Um cenário provável: os preços vão passar a oscilar mais, novos players surgirão, principalmente no Brasil, Estados Unidos, Leste Europeu,





Argentina, Uruguai e Índia”, prevê Carvalho. Ele também alerta para o que chama de “direcionadores de consumo”: o crescimento da população e o aumento de renda, além dos novos hábitos dos consumidores.

“Os novos estilos de vida afetam o consumo: as pessoas querem viver a vida plenamente, com foco em saúde, bem estar e obtenção do verdadeiro; ou seja, querem saber de onde veio o alimento, como foi produzido, etc”, comenta ele. Nesse sentido, o investimento em inovação e, principalmente, em comunicação é uma necessidade para atender às necessidades do público, segundo Carvalho.



## Futuro

O que o futuro reserva para o mercado de leite é difícil prever, pois este é um setor repleto de instabilidades. “Permanecer no mercado é um ato de heroísmo”, afirma Vicente Nogueira Neto, presidente da Fepale (Federação Panamericana de Lecheria). No entanto, algumas tendências se fazem perceber: além da demanda de leite para suprir o mercado internacional, cujos estoques zeraram e não há previsão de crescimento, as mudanças estruturais da população também entram como variáveis para o setor.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), até 2025, a população crescerá cerca

de 25%, principalmente o público maior de 40 anos. Em 1985, essa parcela representava 20,4% da população e a previsão é que, em 2025, atinja a marca de 59,9%. Trata-se de consumidores com necessidades especiais, que precisam ser atendidos.

“O crescimento populacional vai ser nos países mais pobres”, afirma Décio Luiz Gazzoni, pesquisador da Embrapa Soja e Coordenador da Rede Brasileira de Tecnologia de Biodiesel. “Neste sentido, o Brasil leva vantagem porque temos área suficiente para plantio. Além disso, nossos cientistas trabalham no sentido de melhorar a produtividade agrícola, enquanto os técnicos aprimoram o rendimento industrial”, elogia.

A pecuária de corte é um setor que também tem dado rentabilidade ao País e registrou crescimento no ano passado, segundo estudos da Scot Consultoria (1,84% ante os 1,56% de 2006). No entanto, “a pecuária de leite ainda possui mar-

gens maiores, porque rende mais por hectare”, afirmou Maurício Palma Nogueira, analista da Scot, ao jornal Gazeta Mercantil. Segundo ele, a estimativa é que os preços médios para o leite continuem semelhantes aos do ano passado, porém sem os picos registrados no segundo semestre.

Se o mundo pede leite, o Brasil tem condições de suprir essa demanda e os preços estão bons, permitindo investimentos, o cenário é favorável para os fornecedores cuidarem cada vez mais da qualidade do produto. Vários laticínios já adotaram o pagamento por qualidade e é um desejo do setor a criação de um selo que comprove as boas práticas no processo produtivo.

Assim, o futuro garantirá o destaque não àquele que tiver o leite de acordo com o especificado na legislação, mas sim ao que conseguir um produto superior. Algo que, diga-se de passagem, o produtor brasileiro tira de letra. ▶